

Rich Cohen

O sol & a lua & os Rolling Stones

Uma biografia

Tradução:
Marcelo Schild Arlin

Diga-me você. Eu não sei. Como é viver em um mundo no qual os Stones sempre existiram? Para você, sempre houve o sol e a lua e os Rolling Stones.

KEITH RICHARDS em uma conversa, 1994

1. Estrelas do rock contando piadas

QUANDO ACONTECE, acontece rápido.

Eu estava sentado na varanda do meu apartamento no West Village, esperando sem saber. No verão, a cidade cheira a lixo. As ruas ficam sem vida, vazias. Parece que todos foram para as montanhas ou para o mar, deixando os becos de tijolos vermelhos para os preguiçosos assombrarem. Então, do nada, fui arrebatado pelos Rolling Stones. Foi comparável ao meu sonho de infância de fugir com o circo. O parque de diversões. O homem forte. A roda gigante girando contra o céu chapado do Kansas. Em 1994, eu tinha 26 anos e os Stones estavam atravessando os Estados Unidos. Eu tinha sido chamado para escrever sobre a turnê para a revista *Rolling Stone*. Eu estava entediado antes, mas agora não estava mais.

Nas duas semanas seguintes, atravessei metade do continente. Fiquei de pé nos cantos de um pé-sujo enquanto os Stones faziam sua apresentação de aquecimento, embebedei-me em arenas a céu aberto, cochilei em saguões de hotéis e em camarins, recostei-me em uma caixa de som na lateral do palco enquanto a banda fazia o bis, vi meu país pelos olhos de uma estrela do rock, aeroportos e cidades tornando-se um borrão indefinido – somente o próximo show era real. Sentei-me ao lado de Keith Richards no avião dos Stones, brinquei com Mick Jagger, que zombou do meu cabelo quando estava comprido e mais ainda quando estava curto, conversei com Charlie Watts sobre Nova Orleans e a Guerra Civil, depois me sentei em seu quarto de hotel para ouvir jazz. Bebi uísque com Ron Wood e Bobby Keys quando eles foram informados que o pianista Nicky Hopkins, seu amigo e colega, morrera em Nashville. Keys fez uma careta e em seguida virou quatro dedos de Jack Daniel's, os olhos cheios de lágrimas.

Em Nova York, ficamos a cinquenta quadras do meu apartamento, mas a quilômetros da minha vida antiga. O verão terminara. Agora era outono, Manhattan cintilante, as avenidas intermináveis. Passei um longo dia no Radio City, assistindo aos Stones ensaiarem para o *MTV Video Music Awards*. A apresentação era para estimular as vendas de seu novo álbum, *Voodoo Lounge*, mas para os músicos era apenas uma parada rápida entre algum lugar e outro exatamente igual. Nem fui ao meu apartamento, tampouco vi meus amigos. O circo parara na minha cidade, mas eu estava diferente, havia sido transformado pela proximidade com os maiores artistas da corda bamba, cuspidores de fogo e aberrações circenses do mundo.

Em vez disso, fiquei com a banda, permanecendo no backstage enquanto Keith Richards e Ron Wood trocavam frases acústicas em cima de músicas de Hank Williams, sentado no teatro vazio enquanto Mick Jagger serpenteava entre os assentos tocando a vigorosa introdução de gaita do single “Love Is Strong”. No caminho de volta ao camarim, tive um encontro ainda mais marcante do que o que tive com Joe DiMaggio na infância, antes de um jogo de veteranos, quando o craque mítico dos Yankees gritou para os repórteres: “Seus filhos da puta, não estão vendo que estou pelado?” Atrás da cortina, Jagger e eu esbarramos com Bruce Springsteen, que nos olhou circunspectamente. Era um olhar que eu vira no ensino médio nos rostos de volantes adversários. Houve um diálogo murmurado, uma comparação de notas. Mick me apresentou como seu “grande amigo”. Ao nos afastarmos, Jagger encolheu os ombros brincando, sussurrando algo como “Bem, você sabe, o Bruce, ele faz um show muito longo”.

Naquela noite, depois do show, a Virgin Records deu uma festa para os Stones no hotel Four Seasons na rua 57. Vazia à meia-noite, a rua estava lotada às duas, repleta de estrelas do rock que um dia estiveram em pôsteres na parede do meu quarto. Havia música, couro, sombra de olho, saltos altos, gim. O assessor de Mick disse a ele que Steven Tyler queria tirar uma foto, “só vocês dois”.

– O que você acha? – perguntou Jagger.

– Deixa para lá – disse o assessor. – Tyler quer que as pessoas pensem que o Aerosmith está no mesmo nível dos Stones, enquanto que, quero dizer, deixa disso, Mick!

O assessor falou a respeito de um artigo do *New York Post* sobre a banda recorrer a depilação a cera. A matéria fora escrita por uma repórter que cobrira os Stones durante anos.

– Ela desfrutou da vida no lado de dentro – disse o assessor. – Vejamos quanto ela gosta da vida no lado de fora.

Alguém do pessoal dos Stones me empurrou contra uma parede e me pediu para “subir e fumar um baseado”.

Escapulindo, encontrei-me em um círculo de mestres do rock’n’roll: Steve Winwood e Jim Capaldi, do Traffic, Ron Wood e Keith Richards. Apesar de cada um ter a própria identidade, eles pareciam compartilhar um único rosto. Vincado e maltratado, envelhecido como couro, marretado pelo abuso de substâncias em uma espécie de beleza. Certa vez um velho, olhando Jagger de perto, comentou: “Você tem mais rugas do que eu!” “São marcas de risadas”, disse Mick. O cara gargalhou: “Essa foi a coisa mais engraçada *de todas!*” Mas o cara estava errado – houve coisas tão engraçadas quanto, especialmente a peça que essa geração de estrelas do rock pregou no destino, que os tinha marcado para vidas de desespero silencioso em fábricas e seguradoras, mas, em vez disso, estabeleceram-se como príncipes medievais de sobrecasacas e fivelas, uma vida que durante séculos pertencera somente à nobreza devassa.

Cada homem naquele círculo tinha energia elétrica e glória detonada pelo excesso de álcool e drogas – bebiam demais, ficavam acordados até tarde demais, cérebros fritos e dedos deformados, mas, meu Deus, como tocavam. Aquelas eram as últimas das grandes estrelas do rock, uma espécie que está seguindo o caminho do leopardo-das-neves. Aqueles que sobrevivem são preciosos e estranhos, relíquias de um antigo sistema, de uma época em que a música era mais importante do que todo o resto – quando você acreditava que o próximo álbum esclareceria tudo. Os homens naquele círculo eram expressões humanas daquela crença, heróis que fizeram a revolução e depois a seguiram até o final. Eles ficavam de pé rindo e bebendo, contando piadas sujas.

– Vocês já ouviram aquela do pianista que estava tocando músicas para seu produtor? – perguntou Capaldi. – Ele toca duas lindas canções,

dizendo: “A primeira é chamada ‘Meu pau é comprido’ e a seguinte é chamada ‘Meu pênis é imenso.’” Então, ele vai ao banheiro. Quando ele volta, o produtor diz: “Você sabe que sua braguilha está aberta e seu pau está pendurado para fora?” “Se eu sei?”, diz o pianista. “Fui eu quem a compôs!”

Richards recostou-se e rugiu.

– Se eu sei? Fui eu quem a compôs!

Enquanto os homens gargalhavam, a ficha caiu. Eu sempre tivera a sensação de que havia pessoas em algum lugar se divertindo mais do que eu. Sempre acreditara que havia uma festa mais divertida. E havia! E eu a encontrara! Não havia nenhuma necessidade de conferir minhas mensagens, olhar por cima do ombro de alguém, me perguntar para onde ir em seguida. Eu estava no centro da melhor festa do mundo. Pela primeira vez na vida, eu estava exatamente onde queria estar.

– E você? – disse Capaldi. – Você tem uma piada?

Respondi que não tinha, que eu era, de muitas maneiras, sem graça.

Steve Winwood olhou para mim, realmente olhou para mim, pela primeira vez. Uma lenda do rock britânico, autor de “Back in the High Life Again” e “Higher Love”, e, antes disso, a força propulsora por trás do Spencer Davis Group, Blind Faith e Traffic, Winwood tinha 46 anos, cabelo desgrenhado e um rosto muito atento. Quando contei a ele que eu trabalhava para a *Rolling Stone*, seus olhos aguçados tomaram um ar acusatório.

– Você sabe, você é um desgraçado – ele disse repentinamente. – Um desgraçado nojento. Espero há anos para lhe dizer isso, e aqui está. Seu desgraçado nojento!

– Ei, Stevie, você conhece esse garoto? – perguntou Ron Wood, surpreso.

– Diabos, sim, esse desgraçado espinafrou todos os álbuns solo que lancei. Você acha que não existe vida depois do Traffic? – Winwood continuou. – O que eu deveria ter feito: ter deitado e morrido quando a banda acabou? Bem, não morrerei por você. Não, não morrerei por você.



Houve um silêncio constrangedor, depois todos caíram na gargalhada. Riram ainda mais do que de “Se eu sei? Fui eu quem a compôs!”. Pegando meu braço, Keith disse:

– Você é maluco, Stevie. Você está falando do maldito ano de 1974. Este garoto tinha seis anos. O que ele sabe sobre o Traffic?

– Você sabe que a *Rolling Stone* é uma revista, não uma pessoa – Wood acrescentou.

Naquele instante, tive minha segunda epifania. O tempo sempre me manteria separado daqueles caras, daquela geração. Eu perdera tudo: 1964, 1969, 1972 – aqueles eram os anos que importavam. Eu nascera tarde demais. O que quer que tivesse acontecido, já tinha acontecido. Eu passara a vida inteira tentando chegar naquela festa. Quando cheguei, todo mundo estava velho. Atrasado: é a condição de irmãos e irmãs mais novos, filhos e filhas de pais velhos, terceiros filhos que apareceram bem a tempo de ver um cigarro flutuando no último coquetel da noite. Isso define minha geração. Estamos espremidos. Acima de nós, os *baby boomers*, que consumiram todos os recursos e todo tipo de diversão. Abaixo de nós, os *millennials*, os filhos dos *baby boomers*, que transformaram o mundo em algo virtual e frio. Os *boomers* consumiram sua infância e depois, de certo modo, consu-

miram também as nossas infâncias. Eles beberam além da conta, viveram em meio a tanto excesso que não nos resta nada além de contar a história.

O tempo me distanciava dos Stones, mas também me dava algo. Perspectiva. Chegar no final significa ser capaz de compreender a história inteira. Rock'n'roll era mais do que um milhão de bandas de garagem; mais do que as quarenta mais tocadas na rádio; mais do que apenas homens de A&R (Artistas e Repertório) e gravadoras. Era uma atitude e uma era. Os Stones eram a maior banda daquela era e, de certo modo, a única banda que importava, porque neles você tinha tanto o máximo quanto o primordial, um grupo que pode representar todos os outros. Se você conta a história deles, você conta a história. Mas você precisa de perspectiva para fazer isso. Você precisa conhecer o fim para compreender o início. Luz noturna. Vênus no leste. A história dos *boomers* contada pela Geração X. Os Stones são um trem atravessando um vale. Consigo ver cada vagão, o primeiro e o último, a locomotiva e o vagão da cozinha, os quais ficam menores à medida que o trem se afasta.

Eu viajaria com a banda em várias turnês, primeiro como escritor para a *Rolling Stone*, depois como corroteirista de Mick Jagger. Estávamos trabalhando com Martin Scorsese em um roteiro sobre um executivo fictício de uma gravadora, cuja ascensão e queda encapsulariam aquela era. Ouvi histórias em primeira mão e pude testar ideias com o maior líder de banda do mundo, apesar de Jagger tender a diminuir seu próprio papel. Ele abomina a tentação de transformar cantores em deuses, com o destino de John Lennon aparentemente sempre em seus pensamentos. Contudo, é claro que os Stones foram, durante um tempo, a vanguarda, um dos motivos pelos quais Jagger mantém a boca fechada. Se você vive audaciosamente, não se vanglorie. Com o tempo, tornou-se óbvio para mim que o que começou com uma matéria para a revista estava se transformando em algo mais – um épico e uma obsessão, uma saga na qual um punhado de músicos representa os desejos de uma sociedade.

Comecei a procurar testemunhas que pudessem preencher as lacunas, explicar enigmas, acrescentar cor. Localizei colegas e amigos da banda; rivais; pioneiros; precursores; produtores e engenheiros; parceiros de dro-

gas e assistentes; homens da indústria fonográfica; namoradas de uma só noite e aquelas mais parecidas com esposas oficiais. Li memórias, biografias. Existem dezenas, talvez centenas de livros. Para pessoas envolvidas com os Stones, não importa o quão brevemente, tal experiência tende a ser a mais intensa de suas vidas. Assisti a documentários e ouvi os discos de novo várias vezes. Vi fotografias. Os Stones estão entre as pessoas mais fotografadas do século XX. Fui a lugares que pairam com importância sobre sua história: casas nas quais Mick e Keith cresceram em Dartford, Inglaterra; o bar onde se apresentaram pela primeira vez; o apartamento no qual viveram na miséria durante um frio inverno; o clube em Richmond onde se tornaram uma sensação; os apartamentos e as propriedades pomposas que compraram quando fizeram sucesso; o Olympic Studios em Barnes; a Chess Records em Chicago; a pista de corridas de Altamont; o parque nacional Joshua Tree; a mansão na França onde gravaram seu melhor álbum; a clínica na Suíça onde Keith Richards largou a heroína. Mantive um punhado de perguntas na cabeça: Por que aquela música era tão importante? Por que as aventuras novelescas dos Stones ainda fascinam? O rock pode salvar sua alma? É uma religião? Se for, por que seguiu o caminho do zoroastrismo? Deveríamos idolatrar a vida ou a mensagem? Existe uma maneira graciosa de envelhecer?

Naquela noite na festa em 1994, os Stones me pareceram decadentes. Eram uma atração das antigas, o que tem menos a ver com idade biológica do que com o espírito. Os Stones tinham se tornado previsíveis. A invenção dera lugar à repetição. Eles estavam fazendo o que faziam porque era o que sempre tinham feito. No começo, eles imitavam músicos negros de blues. No final, imitavam a si mesmos. Ainda assim, mesmo nos shows mais cansados, diante das plateias mais calejadas, você ainda podia, de vez em quando, apenas por um momento, captar um vislumbre do que eles tinham sido: uma revolução com dez mãos, quatro acordes e um groove.

2. O cowbell e o pôster

QUANDO EU TINHA DEZ ANOS, meu irmão ascendeu ao paraíso. Ele fez isso mudando do segundo andar da nossa casa para o sótão, que, com seu carpete de pelúcia e paredes de cedro, era a fronteira. Sem toque de recolher. Sem lei. Apesar de não ter permissão para subir, eu de vez em quando ficava no primeiro degrau, ouvindo a música que descia como uma cascata das caixas de som, *woofers* e *tweeters*, amplificador e subamplificador, toca-discos. Uma vez, seguindo meu pai, que subira para dizer ao meu irmão que ele na verdade não estava além de toda autoridade, pude dar uma boa olhada no aparelho de som.

“Quando esse desgraçado arrumou um toca-fitas Nakamichi?”

A outra vez que vi o equipamento, e que praticamente não conta, foi na loja de aparelhos de som no shopping. Havia uma sala externa repleta de marcas baratas e conjuntos fajutos; depois, atrás de um vidro, um santuário interno com o tipo de equipamento complicado preferido pelas pessoas que entendiam e também tinham conhecimento daquilo. Dentro *daquela* sala havia ainda mais uma sala, um compartimento oval conhecido como “o ovo de audição”, onde, espremido entre paredes de caixas de som, um cliente podia dar uma última ouvida dramática antes de efetuar a compra. Uma tarde, logo antes de fecharem o negócio, pude reclinar no ovo enquanto as caixas de som que em breve seriam do meu irmão tocavam em alto volume uma canção que o vendedor considerava perfeitamente adequada para “demonstrar o equipamento”: “Life’s Been Good”, de Joe Walsh, no volume máximo, o solo de guitarra entorpecido me atravessando como uma gripe.

Fora isso, eu precisava desfrutar o aparelho de som do meu irmão à distância, geralmente captando apenas a reverberação do baixo ou o grito

de um deus do rock entoando uma *power ballad*. Mas, um dia, um ritmo estranho tocou algo dentro de mim, algo que eu nem sabia que existia. Eu estava deitado na cama quando ouvi o *cowbell* e a guitarra vibrante. Levantei-me, aproximei-me e parei ao pé da escada. Abrindo a porta, subi à espreita e contemplei silenciosamente a cena: uma mesa de café coberta de garrafas de cerveja vazias, um disco na pick-up, o aparelho de som iluminado. Meu irmão estava em uma cadeira, cabeça para trás, olhos fechados. Havia um pôster pregado na parede atrás dele. De alguma maneira, eu sabia que as pessoas naquele pôster eram responsáveis por aquela música, “Honky Tonk Women”. Por um momento, era como se eles realmente a estivessem tocando, como se a música estivesse vindo da banda na foto, que tinha a aparência que uma banda deveria ter. Os Stones em Paris em torno de 1976. Jagger na frente, dirigindo seus comandos em um ataque noturno. Nos shows, ele dispara como um beija-flor, impossível de ser estudado. No pôster, ele fora pregado como um espécime em uma prancha. Ele era grotesco porém bonito, com os traços desproporcionais de um adolescente, um homem cujo rosto nunca amadureceu. Richards estava de pé ao lado dele, de calças listradas e com uma camisa transparente aberta até o quarto botão. Ele olhava para baixo enquanto tocava, cílios longos e pretos. Bill Wyman, o baixista, estava de pé ao lado do baterista, Charlie Watts, que sorria maliciosamente. Todos os músicos estavam espremidos em um espaço apertado – as correias e cambotas de um motor compacto. Era uma banda de verdade. Foi isso que me pegou. Não as arenas lotadas ou os discos de sucesso, e sim cinco caras tocando juntos, como uma família ou uma gangue. Eu não podia imaginar um destino melhor. Longe dos pais, longe da escola, longe da vida adulta. Um grupo de amigos que começaram ainda garotos e seguiram em frente para sempre. Meu irmão surgiu de repente, me mandando sair, mas era tarde demais. A flecha me atingira em cheio.

Antes disso, a música desempenhara um papel secundário na minha vida. Era papel de parede. Se fosse povoada por palhaços, eu olhava. Do contrário, eu não reparava. Geralmente, era apenas meu pai tocando Frank Sinatra a todo volume no Sedan de Ville. “Nice’n’Easy”, “Come

Fly With Me”. Até os oito anos, eu acreditava que “My Way” era o hino nacional, pois é o que Sinatra diz no disco *The Main Event*. “Senhoras e senhores, cantarei agora o hino nacional, mas vocês não precisam se levantar.” “Rhinestone Cowboy” foi a primeira música que amei. Ouvi Glen Campbell cantá-la na WLS, depois economizei para comprar o single. A autopiedade desafiadora, o som barato de adornos de bazares. Quando era destrutado, eu fechava a porta do meu quarto e convocava mais uma sessão de terapia “rhinestone”. “Tenho andado por estas ruas há tanto tempo, cantando a mesma velha canção, conheço cada rachadura nestas calçadas sujas da Broadway...”

Como todo mundo, eu encontrara o caminho até os Beatles. Isso foi em 1977 ou 1978, anos depois de o grupo ter terminado. Você podia ouvi-los com segurança. Não precisava se preocupar com os Beatles gravando um disco ruim. Estava tudo ali, terminado e feito. Lembro-me do meu pai repudiando “Here Comes the Sun”.

– Se o sol viesse mesmo – dizia ele – todos queimaríamos em torno de um segundo.

Mas havia algo irritantemente seguro quanto aos Beatles. Eles representavam óculos de vovó e símbolos da paz. Naquela altura, eu já realizara minhas primeiras incursões à loja de discos local, uma loja de família administrada por Wally King, um velho mal-humorado que abria o negócio na época das partituras. Durante anos, Wally ofereceu uma promoção: para qualquer compra acima de sete dólares, ele dava uma harpa de boca, aquele instrumento de metal que é segurado entre os dentes e dedilhado. Na década de 70, partes da minha cidade no Illinois pareciam Appalachia, com os garotos acorados, olhos vidrados e tocando a harpa de boca.

Minha primeira ida sozinho à loja foi um batismo de fogo. Durante meses, eu implorara ao meu irmão que confiasse em mim e compartilhasse comigo seu universo musical. Eu queria me sentar com os garotos mais velhos, ouvir, pontificar, teorizar. Um dia, ele me aplicou uma espécie de teste. Enfiando uma nota de dez dólares na minha mão, disse:

– Vá até a loja do Wally King e compre o novo álbum do Kansas, o que tem “Dust in the Wind”. Vamos ouvir o disco no sótão.

Procurei nas prateleiras durante vinte minutos, depois fui pedir ajuda ao velho. Ele pegou um livro grosso sob o balcão, abriu-o e o examinou. Encontrou uma listagem para o disco do Kansas com uma imagem da capa: uma cachoeira, um barco caindo.

– Esse disco está em falta – disse Wally –, mas deixa eu te mostrar uma coisa. – Ele pegou um disco diferente da prateleira, segurou-o ao lado da capa do Kansas. – Este disco também tem uma cachoeira – disse-me Wally. – Veja você mesmo. Quase exatamente igual. Seu irmão terá dificuldade em ver a diferença.

– Quem fez este disco?

– Um camarada chamado Slim Whitman – disse Wally. – Ele viajou o mundo todo, cantando com sua guitarra, tocando lindas canções country. O que, se você pensar a respeito, é uma vida maravilhosa para um cantor. A única vida. E, na verdade, em todas essas viagens, ele com certeza visitou o Kansas, provavelmente dezenas de vezes. Portanto, você pode ver, a história daquela outra banda, os garotos de “Dust in the Wind”, está, de certo modo, incluída na história do grande Slim Whitman. Como eu disse, seu irmão terá dificuldade em ver a diferença.

Quando dei o disco ao meu irmão, ele examinou-o e suspirou. Se meu irmão fosse meu pai, teria me chamado de idiota. No entanto, ele apenas me devolveu o disco, dizendo:

– Você me deve cinco pratos.

Foi minha primeira lição na diferença entre a música certa e a música errada, a música perfeita, que é como o céu dez minutos antes do pôr do sol, e uma música que dá arrepios como uma tarde chuvosa de terça-feira.

Fiz meu dever de casa depois disso, estudando a literatura, trilhando com um cuidado incrível meu caminho rumo a esse novo mundo consumista. O primeiro álbum autêntico que comprei foi *Smash Hits*, de Jimi Hendrix, que coloquei no topo da minha pilha de discos de criança como uma nota de cem dólares em uma pilha de notas de um dólar. Mas tudo isso mudou quando ouvi “Honky Tonk Women”. O *cowbell* que abre a música era como a chamada de um muezim, guiando-me para uma nova vida. Tornei-me um monoteísta do rock’n’roll. Durante anos, havia somente uma banda,

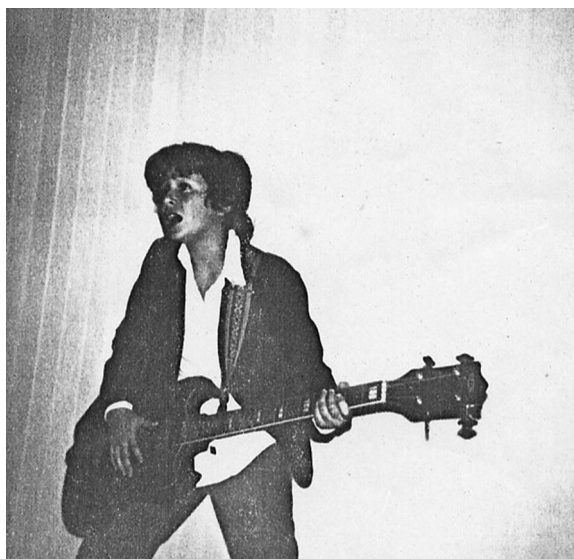
os Rolling Stones. A música deles sugeria um mundo perigoso de drogas e bebida e todo tipo de pecado que eu ansiava experimentar por conta própria.

Minha coleção começou com *England's Newest Hit Makers*, o primeiro disco que os Stones lançaram nos Estados Unidos. A capa é poderosa. Cinco rostos: Mick, Keith, Charlie, Bill e o belo e louro Brian Jones. Se você vir um louro entre morenos, reze por ele, pois ele está marcado para a destruição. Aquilo eram os Stones no começo; a maioria das músicas eram covers. “Not Fade Away”, “I Just Want to Make Love to You”, “I’m a King Bee”. O que os distinguia era a voz, a energia. As frases da guitarra elétrica de Brian Jones, o ritmo empolgante de Keith Richards. As melhores músicas murmuram como um motor, uma máquina em uma noite negra. “Honest I Do”, “Little by Little”, “Carol”. Elas faziam com que me sentisse crescido, perverso. E me lançaram na busca por mais discos. Tornou-se uma rotina: economizar cinco pratas, ir até a loja de Wally King, comprar um álbum dos Stones.

Depois de exaurir o estoque de Wally, expandi minha busca, procurando de cima a baixo por lojas na costa norte de Chicago, encontrando eventualmente o caminho até a cidade. Quando entrei no segundo ano do ensino médio, meu mapa interno estava repleto de lojas de discos. Record City em Skokie. Vintage Vinyl em Evanston. Em dias importantes, eu dizia aos meus pais que estava indo para a casa do meu amigo Mark, depois seguia para a cidade. De uma janela na traseira do ônibus, eu observava os jardins suburbanos darem lugar ao concreto. Em Evanston, eu fazia a transferência para a linha L, que passava ao lado de telhados de asfalto e de prédios residenciais sob um céu tão azul que doía. Eu saltava no outro lado da rua da Universidade Loyola, caminhava uma quadra, subia um lance de escada, atravessava uma porta sem identificação, como em um bar da época da Lei Seca, e entrava na Round Records. Tendo consumido o catálogo legítimo, eu chegara à parte da minha vida dedicada à caça de discos piratas, gravações ilegais de shows dos Stones. Alguns eram produções elaboradas, com arte de capa e comentários, mas a maioria era do tipo amador – uma fita feita por um cara na décima quinta fila. Você podia ouvir pessoas conversando entre as músicas. Em geral, tais gravações eram sem valor. Mas, ocasionalmente, quando você se deparava com uma música que a banda quase nunca tocava, algo estranho ou uma pérola, a

sensação de triunfo era parecida com a de um caçador de animais grandes. Quanto mais improvável a descoberta, maior a satisfação – uma busca tornada obsoleta pelo Napster, YouTube, Google e Sonos, onde tudo está bem ali, agora. Pobres *millennials*! Eles jamais conhecerão a glória de tropeçar em uma gravação dos Stones tocando na Ilha Eel Pie em 1964, nem a arte perdida das compilações em fitas cassete, todas aquelas horas de prazer gastas compilando a sequência de músicas perfeita.

Quando você realmente se envolve com os Stones, ouvir não é o bastante. Você quer incorporar a música, viver a vida. Dependendo do seu temperamento, você será Mick, Charlie, Keith ou Bill. Você vai andar pelo corredor da escola como Mick ou desprezará sofrimentos pré-adolescentes com a indiferença de Richards. Para mim, isso resultou em shows de talentos na escola durante o ensino médio. Em 1981 e 1982, nós nos vestíamos como os Stones, depois tocávamos no auditório, tendo aprendido apenas a técnica suficiente para tocar uma música por ano. Eu andava no meio do público vestido como Keith com a camisa de tachinhas da minha irmã, acendia um cigarro ao lado do palco, dava uma tragada e o jogava em uma multidão de alunos do sétimo ano.



Pude ver os Stones ao vivo naquele ano no Rosemont Horizon, uma arena próxima do aeroporto O'Hare. Foi meu primeiro show de verdade, e que jeito de começar! Eles estavam promovendo *Tattoo You*. Lembro-me de esperar que eles subissem ao palco, os gritos que eram dados sempre que um roadie atravessava o palco escuro, a fumaça que pairava sobre nós como uma nuvem. Para mim, essas coisas eram como a atmosfera antes da batalha de Austerlitz. Nunca me esquecerei delas. Bill Wyman tocou a linha de baixo que abre "Under My Thumb". Keith seguiu a deixa com uma frase vigorosa. Mick dançava de calças e camisa de futebol americano. "Let's Spend the Night Together". "Shattered". "Start Me Up". Eles tocaram todas. Em certo ponto, Mick subiu em um guindaste sobre a multidão, mãos estendendo-se para cima para tocá-lo como os tentáculos de uma anêmona do mar. Não há nada parecido com Jagger se movendo, espreitando seu território, oscilando naquele espaço perigoso entre masculino e feminino. Se você é um garoto adolescente, isso pode tocar em um lugar que te deixa excitado, confuso e um pouco envergonhado. Eu dançava, empolgado com o fato de que Mick e Keith e Charlie e Bill e Woody estavam bem ali na minha frente, em todas as dimensões, compartilhando o mesmo espaço, reais e no ritmo. Passar do disco e da fantasia para a arena e a realidade – foi um dos melhores momentos da vida. De um instante para o outro, você se transforma de um garoto em um quarto, sozinho e solitário, em um corpo na multidão, perdido na energia comunal da grande banda. Havia uma linda sujeira nas canções conhecidas tocadas ao vivo, na maneira como a banda errava mas sorria e seguia em frente, perdia acordes, o material mais ensaiado dando lugar a tangentes inesperadas. Era o brinquedo familiar retirado de sua embalagem protetora. Foi como uma revelação – perfeito não é perfeito; rock'n'roll é caos. Eu gostava mais quando Jagger ficava de pé ao microfone, os Stones dispostos da mesma maneira que no pôster no quarto do meu irmão. Não uma banda – uma gangue, uma matilha de cães do ferro-velho.

Como a maioria dos grandes grupos, os Rolling Stones começam e terminam com amizade.